

A CIDADE QUE SONHAMOS: casas abertas e uma mesa para todos

“Quando Jesus entrou em Jerusalém, a cidade inteira se agitou e diziam: ‘Quem é este homem?’”. (Mt 21,10)

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

A primeira coisa que o Evangelho nos diz é que **Jesus foi um buscador de alternativas.**

Ele não foi conivente e nem compactuou com a estrutura social-política-religiosa de seu tempo, que era profundamente desumanizadora. Sonhou novas possibilidades de vida e novas relações entre as pessoas. Por isso, ao anunciar o Reino, transgrediu a situação

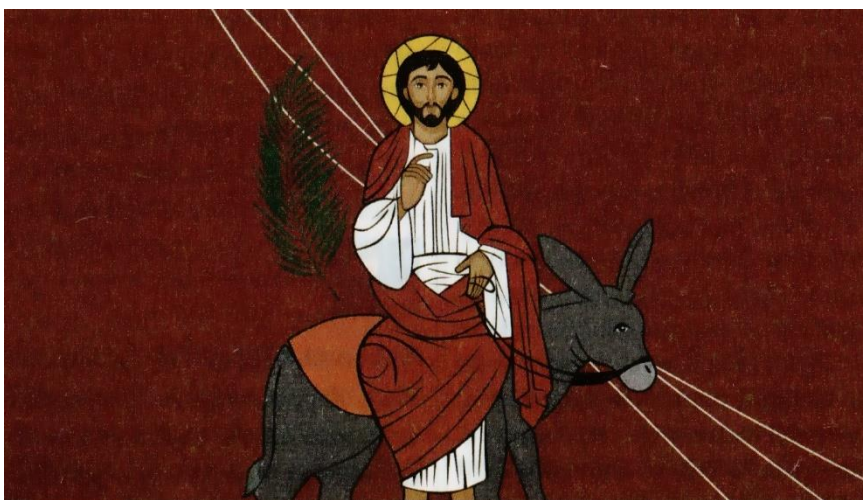


Ilustração: IAS Agência (Liturgia Diária da Paulus, março'2026 - p.108)

vigente e, a partir das periferias, foi despertando uma alentadora esperança nos corações dos mais pobres e excluídos, vítimas de um mundo fechado.

Com sua entrada em Jerusalém, Jesus quis recuperar a *cidade* como lugar do encontro e da comunhão, como espaço da paz e da solidariedade... desalojando aqueles que se fechavam a qualquer tentativa de mudança. Por isso, seu gesto provocativo e escandaloso de entrar na cidade montado num jumentinho, símbolo da simplicidade e do despojamento de qualquer pretensão de poder e força, causou violenta reação naqueles que se beneficiavam da estrutura política e religiosa da cidade.

A Campanha da Fraternidade deste ano tem como tema Fraternidade e moradia, e com o lema “*Ele veio morar entre nós*”. Jesus fez sua morada nas terras excluídas da Galileia e sonhava também fazer morada na cidade de Jerusalém.

Vale destacar uma constante nos Evangelhos: **a casa como lugar preferencial da ação de Jesus e da missão dos seus discípulos.** Jesus, como um inspirado Mestre, revelou um “**novo ensinamento**”, não em lugares fechados e controlados, mas em espaços abertos, nos campos, à beira do lago de Genezaré, nos caminhos poeirentos, nas casas...; Ele se dirigiu aos lugares onde homens e mulheres realizavam suas atividades comuns, no simples ambiente do trabalho cotidiano e, de maneira privilegiada, nas casas, começando pela sua própria, em Cafarnaum, onde fora residir.

Jesus, como itinerante, deu início a um “**movimento de casas**”. De fato, a casa acabou sendo o espaço alternativo que melhor correspondia à atuação do Mestre, enquanto ponto de partida e de chegada de sua missão itinerante. Foi a partir das casas que Jesus exerceu, à margem do que estava estabelecido, sua autoridade em favor da vida, sem depender de instituições e funções previamente normatizadas. Assim, através de uma rede eficiente, ampliada e centrada no Mestre e com funções complementárias, seus seguidores, a partir das casas, prolongarão o mesmo ministério de Jesus: “viver em saída”, deslocar-se em direção aos excluídos, revelar a presença do Pai na simplicidade do cotidiano das pessoas, etc.

Neste sentido, **a casa cumpriu uma função vital para a expansão da causa do Reino de Deus**. Em outras palavras, **a causa de Jesus (Reino) encontrou nas casas seu lugar natural**.

Jesus quis também levar para a Cidade Santa o “movimento de vida” iniciado nas casas, nas estradas da Galileia; Ele subiu a Jerusalém anunciando a chegada do Reino de Deus que deveria manifestar-se ali, mas de uma forma diferente: espaço aberto para todas as gentes, com uma nova estrutura humana aberta ao senhorio de Deus.

Jesus, Filho de Davi, precisava subir à cidade de seu antepassado Davi, não para conquistá-la militarmente e reinar, a partir dela, sobre o mundo, mas para instaurar ali outro Reinado, fundado precisamente nos pobres e expulsos dos reinos da terra. Para Jesus, Jerusalém como um conglomerado de casas abertas, deveria ser entendida como centro da nova humanidade messiânica, capital do Reino dos excluídos da velha história humana.

Por isso, Ele entrou em Jerusalém rodeado do povo, das pessoas simples. Este povo escravo e oprimido o aclamou porque viu em n’Ele uma luz de esperança, de vida, de libertação. Escutaram suas palavras e viram seus feitos durante alguns anos. Escutaram palavras de vida, de justiça, de amor, de misericórdia, de paz... Viram seus gestos de cura dos enfermos, de defesa dos fracos, de dar alimento aos famintos, de reabilitar os desprezados, de acolher os marginalizados, de enfrentamento dos opressores...

Jesus quer continuar anunciando e realizando na cidade de Jerusalém aquilo que fizera na região excluída da Galileia; quer também humanizar esta cidade para que ela seja sol de justiça e paz para todos os povos.

A espiritualidade da presença cristã no meio urbano convida a descobrir e indicar as presenças reais do Deus que “*in-habita*” em pessoas, casas, bairros, povos, cidades e metrópoles. “*O coração dos povos é o santuário de Deus*”. Trata-se de “*passear com o Absoluto pelas ruas da cidade*” (Michelstaeder).

O Deus presente nas cidades é um Deus que nos chama e interpela a partir do reverso da história, a partir dos lugares ocultos, dos “outros-espacos” de nossas cidades.

A primitiva comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus não começa formando uma nova religião instituída, nem se preocupou com construções de templos ou com organizações hierarquizadas; ela se apresenta como uma federação de casas abertas, a partir dos pobres e para os pobres, criando redes de comunicação e de vida fraterna, casas-família, impulsionadas pelo testemunho e presença do Espírito do mesmo Jesus. “*Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum... partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração*” (At 2,44-46).

A cidade que Deus quer: uma praça acolhedora, casas abertas e mesas para todos.

A praça é de todos e todos podem circular livremente, criar relações e convivência, com a experiência de ser aceito e reconhecido como humano.

A casa deve ser escola de encontro e fraternidade. A comunicação (comum união) se celebra entre suas paredes que, em seguida, se expande para além de seus limites, despertando uma sensibilidade solidária. A casa prepara para a vida, pois é ali que os fundamentos de uma personalidade vão se solidificando.

A mesa é lugar de hospitalidade e partilha, de aceitação e de encontro, lugar de chegada e entrada da pluralidade e diversidade como a Nova Jerusalém.

“Entrar na nossa Jerusalém” é comprometer-nos com uma cidade mais humana e humanizadora; a cidade que sonhamos e que queremos: a Cidade Nova. E o(a) seguidor(a) de Jesus tem em quem se inspirar.

A cidade moderna, globalizada pela tecnologia fria e sem alma, amordaçada pela funcionalidade e pela utilidade, com uma política submetida ao mercado, à produção e consumo, cidade estendida e sem muros de contorno, com horizonte atrofiado..., está cada vez mais distante da cidade sonhada por Jesus, cada vez mais refratária aos valores do Reino.

É a paixão pelo Reino que deve nos mobilizar para levar adiante a missão de Jesus nos grandes centros, a ir aos lugares onde há mais necessidade e ali realizar obras duradouras de maior proveito e fruto.

O(a) discípulo(a) missionário(a) não é aquele(a) que, por medo, se distancia de sua cidade, mas **é aquele(a) que, movido(a) por uma radical paixão**, desce ao coração da realidade em que se encontra, aí se encarna e aí revela os traços da velada presença do Inefável; a cidade já não é percebida como ameaça ou como objeto de domínio, mas como dom pelo qual Deus mesmo se faz encontrar. A cidade não é lugar da exploração e da depredação, mas é o lugar da receptividade, da oferta e do diálogo inspirador.

No Domingo de Ramos, portanto, temos duas procissões: *a procissão de Pilatos que representava o poder, a dominação e a violência do império que dominava o mundo; e a procissão de Jesus que representava uma visão alternativa, aquela do Reino de Deus, centrada na comunhão, no serviço, no espírito solidário...*

Frente a estas duas paixões e duas procissões, somos convidados a propor algumas perguntas fundamentais que devem ressoar neste domingo de Ramos, na Semana Santa e, em definitiva, na vida: a quem seguimos? Quem é o “senhor” que comanda o nosso coração? Em que valores nos inspiramos? Em que procissão estamos? Em que procissão queremos estar?...

Texto bíblico: Mt 21,1-11

Na oração: é preciso, em primeiro lugar, abrir espaço na própria casa interior, para que o Senhor circule com liberdade, levando luz e inspiração para sua vida (“desce depressa, pois eu preciso ficar em sua casa”).

- A partir do interior, cristificar a própria casa-lar: lugar de encontro, de hospitalidade, de relações sadias...
- Sua casa é luz para a cidade onde você habita?
- A cidade que você aspira, que sonha e que quer é a Nova Jerusalém? Espaço de beleza, de harmonia humana?
- Que atitudes você vai propiciar em suas relações interpessoais para favorecer a presença do Reino de Deus?
- Como você vai acompanhar Jesus durante as celebrações desta Semana Santa?